

David Machado

ÍNDICE MÉDIO DE FELICIDADE

Romance



D. QUIXOTE



## 8,0. Suíça

Antes de mais, repara, Almodôvar, tu não estavas cá.

As coisas ficaram muito difíceis muito depressa. Ou talvez tenha sido sempre assim, talvez o mundo tenha sido sempre um lugar complicado. Não creio que tenha começado quando foste preso, ainda que, de alguma forma, isso me pareça o início de tudo. E a tua ausência reforçou as nossas dores, a tua decisão de não queres ver ninguém teve consequências. O que é o mesmo que dizer: não estávamos preparados para não te ter aqui. Deixaste demasiado espaço vazio e nenhum de nós sabia muito bem mover-se na amplitude desse abandono. Mas tu não estavas cá, nós não podíamos fazer mais do que tentar. Ainda não sei se falhámos. Sei apenas isto: não serás tu a decidir sobre os nossos fracassos. Em algum momento da história, a coerência do teu silêncio tornou-se uma condição.

Imagino-te aí dentro. Um lugar que não é teu, no qual tiveste de aprender a encaixar o corpo e entender leis que estão escritas apenas nos olhos dos homens à tua volta. Foi difícil? Doeu-te a força das paredes em redor? Sentiste o terror de encarar o olhar armado dos teus novos companheiros? Cá fora, todos crêem que sim. Na primeira semana que passaste aí, a Clara ligava-me todas as noites, depois do jantar, a chorar, a respiração destravada, quase a sufocar, a chamar-te «coitadinho» como

se estivesse a falar de uma criança ainda leve de culpas, como se tivesse enviuvado cedo demais, a suspirar «o meu amor», a perguntar-me «e se lhe fazem mal?». O teu filho, o pequeno Vasco que já é mais alto do que eu, chegava a casa da escola e trancava-se no quarto a tocar violino, as pautas espalhadas pelo chão, o vibrar agudo das cordas a subir pelas paredes do prédio. E o Xavier a estudar os códigos penais na Internet, à procura de uma cláusula qualquer que te tirasse daí, a repetir «o gajo não aguenta, Daniel, o Almodôvar não foi feito para estar atrás das grades». Os teus amigos reunidos à mesa em cafés, restaurantes, cozinhas, a chocarem os copos com entusiasmo em tua honra para disfarçarem o pressentimento de que alguma coisa má te estava para acontecer. Ninguém entendia nada. Como é que aquilo podia ser? Um homem bom, sorriso honesto, palavras sempre justas. Marido. Pai. Amigo. Qualquer explicação parecia uma fantasia. E eu passava a vida a desculpar-te diante de todos, a dizer «ele teve os seus motivos, nós conhecemo-lo, ele não é outra pessoa por estar numa prisão». Nessa altura eu ainda não estava zangado contigo.

Mas agora imagino-te aí dentro. Imagino a tua cara e os teus gestos. Os pensamentos que te enchem as horas. E não acredito que te sintas apavorado. Também não acredito que te façam mal. Acho que estás bem aí dentro. Encontraste uma toca para te esconderes, para esperares que esta época negra da nossa história passe, este Inverno tão demorado. Estás a hibernar, é isso, o teu ritmo cardíaco sumido até ao limite, três refeições por dia, o conforto dos muros que te cercam, a tua existência quase anulada. Cá fora a vida pode gelar, mas aí dentro o teu corpo mantém-se morno e, melhor ainda, o teu espírito também. És um covarde de merda, Almodôvar. Quando é que o teu mundo se complicou mais do que o nosso para ganhares o direito de fazeres isto? Eu sei que havia muita gente que contava contigo, que dependia de ti. De certa forma, eras responsável por essas pessoas. Foi demasiado peso sobre o teu coração?

Eu teria percebido. Se me tivesses recebido quando te fui visitar, se tivesses atendido os meus telefonemas, teríamos falado, ter-me-ias explicado tudo e eu teria compreendido, Almodôvar, ter-te-ia poupado aos relatos sobre a realidade cá fora, o teu filho, a Clara, o Xavier, eu, as angústias de pessoas de quem gostas, este país deitado por terra, o mundo inteiro a ruir, não diria nada até te encontrar preparado para ouvires tudo, para saberes e sentires tudo. Teria esperado para te contar que, três meses depois de seres preso, fiquei sem emprego, que pouco depois disso a Marta, desempregada há quase meio ano, se foi embora com os miúdos para Viana do Castelo trabalhar no café do pai dela, que eu fiquei porque ainda acreditava. Embora as coisas estivessem a ficar complicadas muito depressa, eu continuava a acreditar. Falar contigo teria sido bom para mim, teria talvez ajudado, e eu teria esperado o tempo que fosse preciso.

És um covarde de merda, Almodôvar.

Seja como for, não tenho outra forma de falar contigo. E, quando achar conveniente, terás o direito de resposta possível nestas circunstâncias; talvez cheguemos a entabular uma conversa, será (quase) como nos velhos tempos. De modo que aqui vai.

A manhã em que o Xavier saiu de casa: podemos começar por aí. Aquela manhã era importante. No mês anterior eu tinha arranjado trabalho a vender aspiradores. Era um negócio enviesado logo à partida e eu sabia disso quando me meti nele. Mas não havia mais nada. Em meio ano concorri a vinte e seis empregos e não aconteceu nada. O subsídio de desemprego ia pingar mais três ou quatro meses e depois havia apenas um abismo preto. Tinha trinta e sete anos e, no entanto, era como se a minha vida estivesse no fim. Estava assustado. Claro que estava assustado. Descobri o anúncio a pedir vendedores num *site* de emprego, preenchi um formulário e, no dia seguinte, recebi um *e-mail* dizendo que fora seleccionado.

Assim, sem nenhuma entrevista, sem prestar provas da minha capacidade para executar aquele trabalho. Na sessão de formação explicaram-nos que se tratava de aspiradores. Quase me ri. Almodôvar, eu até vendia terrenos em Marte se fosse preciso.

*O Xavier saiu de casa?*

Não, Almodôvar, ainda não é a tua vez de falar. Além disso, este relato terá a ordem que eu ditar.

O esquema dos aspiradores era o seguinte: a empresa que os vendia – chamava-se W.R.U., mas nunca soube o que essas letras representavam – alugava os aparelhos aos colaboradores – eu e os outros seleccionados –, alugava-os à semana para que pudéssemos fazer demonstrações; nós mesmos teríamos de arranjar essas demonstrações, embora, tornando-se necessário, a empresa oferecesse apoio logístico – que eu nunca soube o que significava; não havia um escritório, apenas um armazém onde ia buscar os aspiradores, e qualquer assunto era tratado por telefone; não havia um contrato – o que me permitiu continuar a receber o subsídio de desemprego; ganhava uma comissão, variável entre 7% e 11%, por cada aspirador vendido, depois de descontado o aluguer do equipamento. Por outras palavras: tinha de pagar para trabalhar. Aceitei imediatamente.

Percorria a cidade a fazer demonstrações. Tinha o discurso todo gravado na cabeça, conhecia bem os modelos do catálogo, andava sempre com dois ou três aparelhos na mala do carro. Mas não era fácil convencer as pessoas a receberem-me, passavam muitos dias sem acontecer nada, como se o mundo estivesse a parar devagar. De vez em quando, alguém abria a porta, deixava-me aspirar-lhe a casa inteira, chão, paredes, tectos, tapetes, cortinados, sofás, e no fim explicava-me que não estava interessado. (As coisas não se complicaram apenas para ti e para mim, toda a gente foi parar ao mesmo buraco.) Corri a minha rede de contactos. As amigas da minha mãe. As minhas ex-colegas da agência. Amigas de liceu que não via há mais de uma década. Amigos homens também. A Marta ajudou-me.

Mesmo longe, fez alguns telefonemas, pediu às amigas que me recebessem.

Um dia, a Clara ligou-me, tinham-lhe dito que eu precisava de ajuda para vender aspiradores, ofereceu-se para organizar uma demonstração na vossa casa em troca de uma comissão de 10% sobre tudo o que eu ganhasse. Aceitei. Foi uma boa tarde, vendi dois aparelhos. No final, a Clara falou de ti durante uns minutos, da tua ausência; estava preocupada com o Vasco, ele não reagia, como se ainda não tivesse percebido que não estavas cá. Pediu-me que fosse falar com ele. Eu fui, achei que podia fazer isso para lhe agradecer. O Vasco estava no quarto a rabis-car palavras por cima das notas de uma pauta, qualquer coisa sobre a morte de um cão. Conversámos durante dez minutos, a voz dele tão parecida com a tua quando tinhas quinze anos, as mesmas pausas demoradas entre as frases. Falámos sobretudo de música, ele gosta de *rock* dos anos 70, The Who, Led Zeppe-lin, Rolling Stones. Sorriu duas ou três vezes, parecia bem, em paz. E eu tive de receio de lhe estragar isso, de forma que não fiz perguntas sobre a vida dele, a escola, namoradas, amigos. E também não fiz perguntas sobre ti.

Importa isto: eu acreditava na possibilidade de refazer tudo, agarrar de novo as partes da minha vida que se tinham soltado, ajustá-las mais e melhor ao meu corpo. E não estava zangado. Nessa altura ainda não estava zangado. Tudo o que tinha de fazer era manter-me atento às coisas essenciais e seguir atrás delas, não parar para olhar para trás, calcular bem cada passo. Eu acreditava que, se fizesse tudo certo, a vida não voltaria a atravessar-se no meu caminho.

Mas depois o cabrão do Xavier, que estava há doze anos tran-cado em casa, sentado à frente do computador, a pensar na tris-teza profunda de que é feita a vida, decidiu sair no mesmo dia em que eu ia fazer uma demonstração num hotel em Cascais. Repara: podia vender dez ou quinze aspiradores de uma vez, ganhar algum dinheiro, mudar tudo.

*O Xavier saiu de casa?*

O primeiro gajo que o viu foi o Tuga, pouco depois das seis da manhã, perto do Centro; na mensagem que me enviou afirmava não ter a certeza, até porque era muito improvável, mas que parecia mesmo o Xavier, de fato de treino azul-escuro, chinelos de enfiar no dedo a estalarem nos calcanhares, o cabelo branco de sempre. Depois disso, mais cinco pessoas o viram passar. Todas me enviaram mensagens. Como se eu fosse pai do Xavier. Ou como se eu fosse tu. Também havia uma chamada do Xavier, às 5:42, que não tinha atendido porque à noite tiro o som do telemóvel.

Liguei ao Xavier. Deixei tocar durante muito tempo. Ele não respondeu. De modo que meti o material no carro, seis caixas com modelos novos, aspiradores que te podem sugar os pensamentos, caros como se tivessem sido desenvolvidos pela NASA, meti tudo no carro e fui procurá-lo. Embora tivesse de estar às nove no tal hotel, andei às voltas pelo bairro, passei por todas as ruas onde imaginei que ele pudesse estar, voltei aos lugares onde ele costumava parar antes de se tornar um ermita de merda, fiz uns telefonemas, perguntei se... Espera, não é verdade. Não foi isso que aconteceu. Estou a falar como se não quisesse desiludir-te, como se para mim a tua opinião ainda contasse. Meti-me no carro, é verdade. Mas não fui logo procurá-lo. Enquanto saía de Lisboa em direcção a Cascais, lembro-me de ter pensado: Se era para se matar, já teve mais do que tempo para o fazer.

Repara, Almodôvar, não tenho de me defender, este relato não é um julgamento. Vou apenas dizer o seguinte: naquela manhã, quando recebi a notícia de que o Xavier tinha saído de casa, a única coisa em que pensava era: tenho de vender estes aspiradores. Mesmo sabendo que as probabilidades de o gajo se atirar de uma ponte eram elevadas. Mesmo sabendo que, de alguma forma, tu contavas comigo para olhar por ele. Só que eu não sou como tu – isso é uma evidência antiga. E, além do mais,



não sou amigo dele como tu. Para falar verdade, eu nem sei se sou amigo dele. Há muito tempo, fomos amigos. Depois o gajo embrulhou-se numa sombra preta, todas as palavras dele assumiram uma angústia sobrenatural. E eu lembro-me de olhar para ele, um puto com dezasseis ou dezassete anos no meio de outros putos com dezasseis ou dezassete anos, e pensar: Isto não tem explicação, as leis da vida como nós a conhecemos não justificam a existência de uma pessoa assim. A depressão do Xavier veio de lado nenhum. Como se ele a tivesse inventado. Nunca te disse isto, mas acho que ele inventou esta personagem – o miúdo triste de cabelo grisalho, olhar vago e cigarro a arder entre os dedos, os desenhos tão lúgubres nos cadernos, uma desesperança eterna em tudo à sua volta, um ar de suicida iminente –, eu acho que ele não se sentiu seguro da sua identidade e assumiu essa personagem negra e depois gostou, ou habituou-se, ou perdeu-se nela. Não interessa. O gajo tornou-se aquilo, Almodôvar. Dias seguidos deitado na cama a olhar para o vazio entre ele e o tecto. Magro como se estivesse em greve de fome. As tatuagens de números nos braços, nas costas e no peito, algumas desenhadas por ele mesmo. Os comprimidos. A obsessão com as estatísticas. As equações matemáticas nas paredes do quarto. Os clientes que ele recebe a qualquer hora do dia ou da noite para lhes tatuar aranhas – e eu nunca percebi porquê só aranhas – a troca de misérias que mal lhe permitem sobreviver. E a ausência de qualquer noção de futuro.

Foi isso, essa falta de futuro, que me assustou. Como é que ele consegue não pensar no futuro? Como é que amanhã, ou no mês que vem, ou daqui a dez anos, não lhe pesa no espírito? Como é que uma pessoa pode acordar todas as manhãs e não sentir qualquer esperança ou receio daquilo que está para acontecer? Eu não sabia falar com uma pessoa assim. E, olhando para trás, o que aconteceu foi isto: tu foste sempre imune à infelicidade do Xavier, a tua capacidade para lhe suportares o discurso cínico e a indiferença absoluta nos silêncios era quase

assustadora, e continuaste amigo dele; eu continuei com vocês porque nunca estive disposto a abandonar aquilo que já fôramos. Criar novas amizades estava fora de questão, eu não sou esse tipo de pessoa.

E tu querias salvá-lo. Dizias: O Xavier é um artista e os artistas são assim: andam às voltas com a morte e com o sofrimento. Falámos tanto sobre a inevitabilidade do suicídio do Xavier que, a partir de certa altura, passei a pensar nisso como se já tivesse acontecido há muitos anos, e não como algo que está para suceder. E ainda assim querias salvá-lo, ninguém podia falar de infelicidades à frente dele, não podíamos deixá-lo sozinho, querias estar lá para o impedir. Como se ele já não fosse capaz de decidir sobre a sua própria vida.

Agora isso mudou: aí dentro não podes salvar ninguém.

*É verdade. Mas tu podes.*

Estás enganado. Não fiquei aqui para ocupar o teu lugar. Além disso, ao contrário de ti, nunca me senti responsável pela sobrevivência do Xavier.

*E se ele der um tiro na cabeça?*

Almodôvar, a pergunta certa é: E quando ele der um tiro na cabeça?

*E quando ele der um tiro na cabeça?*

O Xavier é uma parte importante de nós. No dia em que ele der um tiro na cabeça, surgirá um vazio que nunca saberemos preencher. Sei do que estou a falar. A morte faz isso aos que ficam vivos. Por outro lado, também haverá um intenso alívio, quase paz. Só que isso nem sequer é o fundamental. O fundamental é isto: no dia em que ele der um tiro na cabeça, nenhum de nós estará lá para o evitar.

*Ele saiu de casa pela primeira vez em doze anos e tu foste vender aspiradores para Cascais. És um egoísta do caralho, Daniel.*

Calma, porque o egoísta aqui és tu, cabrão.

*A tristeza do Xavier incomoda-te, por isso deixas que ele se afaste para um canto escuro e ponha fim à vida. E então tens finalmente descanso,*

*ou alívio, ou quase paz. Foda-se, se toda a gente pensasse assim, este planeta era um deserto.*

O Xavier, como qualquer outra pessoa, merece o nosso respeito pela sua vontade.

*A vida dele merece o nosso respeito. E isso exige um esforço que tu não queres fazer.*

Cabrão, tu não podes falar de esforço quando te recusas a ver-nos há quase dois anos. E eu fiz um esforço. Eu não fui vender os aspiradores.

*Não foste?*

Não. Cheguei à auto-estrada. Conduzi oito quilómetros. Depois saí, fiz inversão de marcha e regresssei a Lisboa.

*Porquê?*

Quase dois meses antes tinha estado em casa dele. Ele tinha-me pedido que fosse lá. A conversa que tivemos não acabou bem.

Ele estava deitado na cama com o computador sobre a barriga, os dedos a passearem no teclado. Eram umas quatro da tarde, mas o quarto parecia uma gruta, as persianas corridas, um candeeiro aceso no chão coberto com uma camisola, as paredes desaparecidas no escuro, uma fumarada densa a pairar junto ao tecto. E, apesar do calor, ele tinha metade do corpo debaixo do edredão. Havia uma música a tocar muito baixinho, uma música estranha, como uma baleia a chorar, tu sabes como é. Pressentiu-me a entrar mas não se moveu e não levantou os olhos para me encarar. Eu disse olá. Ele não respondeu, apenas ergueu uma mão, um cigarro aceso pendurado entre os dedos. Sentei-me na ponta da cama e fiquei à espera. Não sei se alguma vez te apercebeste disto: no quarto do Xavier o tempo abrandava, as coisas acontecem mais lentamente, como se os nossos corpos se tivessem tornado mais densos, como se nada, nenhum gesto, nenhuma frase, nenhum silêncio, tivesse realmente fim. Depois de uns três minutos, falou.

Fizemos alguma coisa mal, disse.

O que é que fizemos mal?

O *site*, disse ele. O *site* não está a resultar.

Acreditas? O gajo continuava às voltas com o *site*. Tu já não andavas por cá há cerca de meio ano e o Xavier continuava preocupado com a merda do *site*. Porque tu lhe meteste isso na cabeça. Não te calaste com a história do *site* durante meses, era uma ideia infalível, íamos vender o negócio um ano depois com 10 000% de lucro, pagávamos as prestações ao banco, a educação dos filhos, uma vida mais desafogada, o filme todo; e íamos estar a fazer uma coisa boa, íamos ajudar as pessoas. Ouvi-te falar daquilo tantas vezes. Eu próprio comecei a acreditar também. Parecia uma grande ideia. Para ser sincero, ainda me parece uma grande ideia. Mas a verdade é que eu e tu metemos lá dinheiro, dinheiro que agora me faz falta, dinheiro que talvez te tivesse impedido de fazeres o que fizeste, e nunca mais vimos esse dinheiro. E o Xavier teve aquele trabalho todo a programar o *site*, semanas sem dormir, e quando finalmente ficou pronto não aconteceu nada, os meses passaram e continuava sem acontecer nada. Ele tinha razão: o *site* não estava a resultar. Só que, enquanto para mim há muito tempo isso deixara de ser importante, quase um ano depois o Xavier continuava às voltas com aquilo.

Eu não queria ter aquela conversa inútil, mas procurei ser paciente.

O que é que queres fazer?, perguntei-lhe. Não podemos meter mais dinheiro.

Ele fechou um pouco o ecrã do portátil e a sua cara encheu-se de sombras. Disse:

Há pessoas a usarem o *site*. O problema é que nenhuma dessas pessoas precisa de ajuda.

Resumindo, o enunciado do problema era este: nós criámos uma rede social através da qual pessoas que precisam de ajuda e pessoas que estão dispostas a ajudar podem encontrar-se; durante os primeiros onze meses em que o *site* esteve no

ar, inscreveram-se vinte e seis pessoas; dessas vinte e seis, há catorze que nunca escreveram nada, quatro que escrevem regularmente explicando que precisam de ajuda para bater punhetas, limpar o cu, cortar as unhas dos pés, etc., três que usam o *site* para se manterem em contacto entre elas sem nunca terem trocado qualquer pedido de ajuda; uma que, ocasionalmente, se anuncia disponível para ajudar quem quer que seja naquilo que for necessário, em qualquer local e a qualquer hora, e que para isso dispõe de uma carrinha de 9 lugares.

Para mim, a questão mais pertinente é: Quem são estas pessoas? O Xavier levantou-se da cama, pareceu-me que o seu corpo, magro e tão alto, bamboleou, como se houvesse vento a soprar no quarto, acendeu outro cigarro e apontou para a janela fechada. Perguntou:

Lá fora, as pessoas ainda são como antes?

As pessoas são sempre as pessoas, respondi-lhe.

Ainda há pessoas que precisam de ajuda?

Toda a gente precisa de ajuda.

Porque é que não pedem?

Não sei. Se calhar, não conhecem o *site*.

Ele deu dois passos curtos e sentou-se ao meu lado na cama. A cara dele apareceu na franja da luz diáfana do candeeiro, os olhos sacudidos por lágrimas que caíam a qualquer momento. No entanto, quando falou, a voz era firme, como se a tempestade estivesse toda dentro dele.

Tenho medo do que poderá acontecer se alguém pedir ajuda.

Mas não parecia estar com medo. Eu disse:

Pelo menos haverá sempre uma carrinha de 9 lugares.

Ele agitou a mão que segurava o cigarro e o fumo estendeu-se no escuro em todas as direcções. Não se riu.

Temos de escrever a pedir ajuda, disse ele.

Repara: neste momento, eu podia ter-me levantado e saído. Mas ainda assim fiquei – porque tu, no meu lugar, terias ficado – e ouvi a ideia do Xavier.

Ele queria criar uma conta no *site*, uma identidade falsa, e depois escrever a pedir ajuda, qualquer coisa simples, calafetar uma janela, levar o cão ao veterinário, só para ter a certeza de que alguém responderia.

E se aparece mesmo alguém a oferecer ajuda?, perguntei.

Falas com a pessoa e aceitas a ajuda.

Eu?

Tu não precisas de ajuda para nada?

Não.

Acabaste de dizer que toda a gente precisa de ajuda.

Ninguém vai acreditar que eu preciso de ajuda.

Se disseres a verdade, porque não?

Porque é que não pedes tu ajuda?

Eu não posso sair de casa.

Podes pedir que te venham ajudar aqui a casa. Dizes que não podes sair, que precisas que te tragam as compras do supermercado.

A minha mãe traz-me as compras do supermercado.

Pedes outra coisa qualquer. Frangos assados. O jornal. Uma peruca.

Ele ficou calado muito tempo, a mexer os lábios como se estivesse a resolver um cálculo difícil na cabeça. Depois disse:

Se alguém vier ajudar-me, podes cá estar?

Foda-se, Xavier, isso é absurdo.

Não é.

Esquece o *site*.

Eu esqueço. Fazemos isto, só para sabermos se alguém responde. E depois eu esqueço.

Pensei no assunto durante uns segundos. Era uma ideia disparatada e eu não queria fazê-lo. Tu e eu passámos dois terços da nossa vida a satisfazer as vontades mais absurdas daquele cabrão, só por termos medo do que pudesse acontecer caso recusássemos. Mas a verdade é que o Xavier já é crescido para ouvir um «não» de vez em quando.

Está bem, disse-lhe. Eu estou cá quando vierem ajudar-te.

E obriguei-me a recordar aquele instante, a importância daquela promessa.

O Xavier suspirou, como se eu tivesse acabado de lhe salvar a vida.

Eu levantei-me, a cabeça cheia de chumbo. Acontece-me sempre que o visito: entro levado por um alento ingénuo, acredito que vai ser bom vê-lo, que vamos conversar durante horas como quando éramos miúdos, e depois, em poucos minutos, sinto a tristeza que paira no ar do quarto misturada com o fumo e as sombras e só penso em sair dali o mais depressa possível. O Xavier aprendeu a pressentir estes impulsos, como se ali dentro tivesse o poder de ver para lá daquilo que se vê. Disse:

Podes acender a luz.

Eu não respondi. Caminhei até à secretária. Os papéis estavam ordenados em cinco ou seis pilhas: equações escritas à mão, gráficos, números soltos, o costume. Havia uma folha com uma tabela que ocupava toda a página. Não era uma coisa invulgar naquele quarto, mesmo nas paredes havia tabelas coladas com fita-cola. Mas, repara, o título desta tabela era: ÍNDICE DE FELICIDADE.

O que é isto?

Ele apenas respondeu:

Estatísticas.

Peguei na folha e voltei-a. A tabela continuava do outro lado. Era uma lista de países, 149 países, ordenados pelo Índice Médio de Felicidade. O primeiro da lista era a Costa Rica, o último o Togo. As linhas 127, 128, 129 e 130 da tabela – Bulgária, Burkina Faso, Congo e Costa do Marfim, respectivamente – tinham sido sublinhadas com um marcador verde.

O que é o Índice de Felicidade?, perguntei.

O Xavier deixou-se cair para trás e ficou deitado sobre o edredão, a mão que segurava o cigarro pendurada para fora da cama. Fechou os olhos.

Não é uma estatística muito interessante, uma vez que carece de objectividade, respondeu. Mas é o melhor que temos. Na verdade, baseia-se num questionário com uma única pergunta: Numa escala de 0 a 10, quão satisfeito se sente com a vida no seu todo? Deu uma passa no cigarro. O fumo saiu-lhe devagar pelo nariz. Depois acrescentou: Suspeito de que a maior parte das pessoas responde ao questionário levianamente, até porque a maior parte das pessoas não percebe nada de felicidade.

Acreditas nisto, Almodôvar? O cabrão do Xavier, o gajo mais infeliz desta cidade, o homem da alma negra, armado em guru da felicidade? Tu sabes: naquele momento, podia ter arrasado o gajo com três ou quatro frases. No entanto, em vez disso, perguntei:

O que é que se passa na Bulgária, no Burkina Faso, no Congo e na Costa do Marfim?

Nesses países o Índice Médio de Felicidade é igual à minha resposta ao questionário.

Tu respondeste ao questionário?

Claro.

Ele continuava deitado na cama, imóvel, o cigarro vertical preso entre os lábios. Abriu os olhos. Depois fechou-os outra vez. Eu fiz a única pergunta que tinha na cabeça:

Porquê?

Porque gosto de quantificar as coisas da vida e do mundo. Tu conheces-me.

Não tens medo daquilo que este valor possa significar?

Tenho mais medo de não conhecer o valor.

...

...

E agora?

E agora o quê?

E agora: o teu grau de satisfação com a vida é 4,4 em 10. O que é que isso quer dizer?



Para ser mais exacto, a minha resposta é: 4,43672. E, entre outras coisas, quer dizer que eu devia mudar-me para a Bulgária ou para o Burkina Faso ou para o Congo ou para a Costa do Marfim.

Porquê?

O Xavier rolou na cama, esticou-se e apagou o cigarro num pires cheio de beatas que estava na mesa-de-cabeceira.

Tenho uma teoria, disse.

Conta.

E, repara, era verdade. Há muito tempo que não sucedia, mas, de repente, naquele momento, eu estava verdadeiramente interessado naquilo que o Xavier tinha para dizer.

Um homem muda-se para o país onde o Índice de Felicidade humano é igual ao seu, começou ele. Encontrando-se rodeado por outras pessoas que são, pelo menos em média, felizes na mesma medida que ele, o homem sentir-se-á mais integrado nessa nova comunidade, mais realizado com aquilo que é. Por outras palavras: mais feliz. Ou seja: o seu Índice de Felicidade humano aumenta, torna-se mais elevado do que o índice médio daquele país e idêntico ao de um outro país qualquer mais acima na tabela. O homem deve então mudar-se para este novo país, nem que seja porque já não se sente tão integrado na população do país onde está. No novo país, o homem volta a sentir-se absolutamente integrado, o que faz aumentar de novo o seu Índice de Felicidade humano, obrigando-o a mudar-se de novo para um país mais acima na tabela. E assim sucessivamente. Por fim, o homem acabará a viver no país no topo da tabela e será tão feliz quanto é fisicamente possível neste planeta.

Existiu um silêncio.

Acreditas nisso?, perguntei por fim.

É uma teoria. Até eu sei que as coisas não são assim tão simples.

Então não te vais mudar para o Burkina Faso?

Provavelmente, não.

Não queres subir na tabela?

Claro que quero. Não é isso que todos queremos? Só que primeiro teria de sair deste quarto. E isso provocaria uma descida imediata no meu Índice de Felicidade humano. Fez uma pausa e olhou para mim. Depois acrescentou: 4,4 já é bastante baixo. Se esse valor cair ainda mais, pode ser perigoso.

Disse aquilo com a voz insuflada de sarcasmo. No entanto, soou como uma constatação matemática universal. Eu disse:

Quero responder ao questionário.

Força, desafiou o Xavier. E acendeu outro cigarro.

Como é que é a pergunta?

Numa escala de 0 a 10, quão satisfeito se sente com a vida no seu todo? Depois acrescentou: Não sejas precipitado a responder, Daniel.

Eu tentei pensar em tudo: a Marta e os miúdos, o meu desemprego, o dinheiro que se acabava, o meu Plano, a minha imagem reflectida no espelho nessa manhã. Por fim, disse: 8.

O Xavier olhou para mim surpreendido. Perguntou:

O que é isso?

A minha resposta. **8,0**.

Eu disse para não te precipitares.

Não me precipitei.

Estiveste calado três minutos e depois disparaste um número que, supostamente, representa o teu grau de satisfação com a vida.

É o meu número.

E, em três minutos, passaste em revista toda a tua existência, contabilizaste tudo, ponderaste todas as variáveis?

Sim. Acho que sim. Quanto tempo é que tu demoraste?

Foda-se, Daniel, eu estou nisto há duas semanas e mesmo assim ainda sinto que não estou a pensar em tudo.

Duas semanas, Xavier? Isto não é um problema de matemática.

Na verdade, até é. Mas, antes disso, é a tua vida. Não podes resolvê-la em três minutos. Repito: a maior parte das pessoas não percebe nada de felicidade.

A tua resposta é 4,4 e eu é que não percebo nada de felicidade.

Estás a interpretar-me mal. Eu não disse que não sentias felicidade. Sentes. Apenas não a percebes.

E tu percebes?

Eu percebo da minha felicidade. É uma equação como outra qualquer que tive de preencher com variáveis e constantes e ponderadores e depois ligar tudo com os sinais certos.

Variáveis? Quais variáveis?

Amigos. Amor. Tempo. Sonhos. Sede. Dores de barriga. Esperança. Inveja. O sabor da comida. Esse género de merdas.

Eu ri-me.

Não podes quantificar isso, disse-lhe.

Se podes quantificar a felicidade, podes muito bem quantificar as saudades que tens de teres oito anos ou o medo de beijares alguém. Claro que algumas dessas variáveis só poderão ser encontradas resolvendo outras equações primeiro. É um sistema, na verdade. É complicado. Mas a vida é complicada, Daniel.

A sério, Almodôvar, a lata daquele cabrão.

E é isso que fazes o dia todo aqui fechado? Sentas-te no escuro e atribuis valores às coisas da vida?

Ele não respondeu. Ficou a olhar para mim durante algum tempo. Depois, surpreendido, disse:

Estás zangado. Porque é que estás zangado?

Não respondi. Olhei para a folha de papel na minha mão. Percorri as linhas à procura. Depois encontrei o que procurava: Suíça, o quarto país na tabela. O índice médio de felicidade na Suíça era 8, como a minha resposta. Eu não quero viver na Suíça, pensei. Depois olhei outra vez para o Xavier e perguntei:

O que é que tens para contabilizar? Estás aqui fechado há doze anos, o que é que ainda te resta para contabilizar?

Disse isto e ao mesmo tempo percebi a insustentabilidade do meu argumento. Ele tinha tanto para contabilizar.

O Xavier sentou-se de novo na cama com os pés de fora e olhou o chão durante muito tempo à procura das palavras que justificassem a sua existência.

Eu sei, disse por fim. Não é muito. Mas, mesmo assim, é uma vida. Enquanto o meu coração bater, é uma vida. É a minha vida. E parece-me importante saber exactamente quanto vale. Pelo menos, não vivo numa ilusão.

E eu, vivo numa ilusão?

A boca do Xavier tremeu ligeiramente e depois ele respondeu:

Sim.

Vai-te foder, cabrão. Não sou o Almodôvar, não tenho de aturar as tuas merdas.

Se quiseres, ajudo-te a resolver a tua equação.

Qual equação, Xavier? Não há nenhuma fórmula para a felicidade.

O gajo acenou com a cabeça mas não disse nada, um silêncio agitado, difícil de explicar.

Tenho de ir, disse-lhe.

E saí.

Não voltei lá. Habitúamo-nos a falar com ele como se fosse de vidro, como se palavras com arestas mais afiadas pudessem abrir lascas no seu corpo ou até quebrá-lo. Imaginei-o desfeito em cacos sobre a cama. Imaginei a mãe a encontrá-lo partido sobre a cama, a tentar colar os bocadinhos, a tentar refazer o filho, sabendo que seria apenas uma questão de tempo até ele se partir outra vez. Mas não fui lá. Não telefonei. Ele deixou de me enviar mensagens para o telemóvel. Quase um mês depois, recebi um *e-mail* dele, um relatório sobre o *site*. Tinha criado uma conta de utilizador com um nome falso e deixado um pedido de ajuda para mudar um fusível no quadro eléctrico. Ninguém respondera. As semanas passaram. Os gozões que

frequentavam o *site* não encontraram propósito para escrever fosse o que fosse. A pessoa que disponibilizara a sua carrinha de 9 lugares não deu qualquer sinal de vida. Talvez já não estivesse disposta a ajudar, talvez não soubesse mudar um fusível. No final do *e-mail*, o Xavier escreveu: Desisto. Assumi que estivesse a falar do *site*, mas a verdade é que podia muito bem estar a referir-se a tudo. Mesmo assim, não fui vê-lo.

É verdade que estava cansado das merdas do Xavier. Mas não foi por isso que não fui vê-lo. Percebe uma coisa: eu andava ocupado a tentar reconstruir a minha vida. Embora as coisas continuassem a ruir. O dinheiro que fazia com os aspiradores não dava para resolver todas as despesas, mesmo depois de ter começado a fumar metade dos cigarros que fumava, mesmo depois de cancelar os contratos da televisão por cabo e do telefone e o seguro de saúde, mesmo depois de deixar de comer fora, de comprar roupa, de ir ao cinema, de sair à noite para beber uma cerveja, mesmo depois de encurtar as compras no supermercado para uma lista de produtos básicos e elementares. Tentei renegociar com o banco a prestação da casa, mas isso revelou-se impraticável. Estavam todos a fazer o mesmo, ricos e pobres.

Mas não era só dinheiro. A Marta fazia-me falta, o peso dela à noite no outro lado do colchão, os olhos dela a ouvirem-me depois de deitarmos os miúdos, a certeza das suas frases. Quando falávamos, quando nos víamos, esforçava-me por lhe mostrar que estava tudo bem, que a distância não nos afectava, que os nossos problemas de dinheiro e a minha situação eram passageiros, uma espécie de férias. Ela fazia a mesma coisa. E, durante esses primeiros meses, parecia mesmo estar tudo bem. Mas é possível que não estivesse. E os meus filhos. As saudades dos meus filhos eram pedras geladas que tinha dentro do peito, como se de repente já não pudesse respirar.

Todos os meses me metia no carro e ia vê-los a Viana. Os meus sogros são donos de dois pequenos apartamentos no

mesmo prédio no centro da cidade, viviam no do rés-do-chão e, no segundo andar, que estava por alugar havia mais de um ano, vivia a Marta com os miúdos. Passeávamos na praia enfrentando o vendaval, almoçávamos em restaurantes panorâmicos, à noite eles vinham deitar-se na nossa cama entre mim e a Marta, um bicho de quatro cabeças debaixo do edredão. E depois regressava a Lisboa e falávamos todos os dias na Internet, às vezes com imagem e tudo, quase como se estivéssemos mesmo juntos. Mas não era suficiente, a vontade de os cheirar persistia. E havia um fosso a crescer entre mim e eles, uma evidência aterradora. Eles não diziam nada, entendiam a situação, nunca senti que me culpassem por aquela separação. Mas a verdade é que alguma coisa mudara. Sobretudo com a Flor: ela não olhava para a câmara quando falávamos e escrevia com aquelas abreviaturas, as palavras cheias de kk, termos em inglês, bonecos no meio das frases cujos significados não entendo absolutamente. Tentei lembrar-me de como foi ter treze anos. Era parecido com ela? Não sei, as memórias que tenho são demasiado contraditórias para confiar nelas. Com o Mateus era mais fácil: falávamos pouco, mas jogávamos jogos *on-line*, trocávamos vídeos, era uma forma de comunicação. E, ainda que breves, as nossas conversas assumiam uma franqueza que não parecia possível naquela situação, as palavras do meu filho de nove anos, tão reais e cheias de significado, por vezes demasiado certeiras.

Um dia interrompi um jogo com o Mateus (estávamos a atirar tartes à cara da Madonna) e escrevi: Numa escala de 0 a 10, quão satisfeito te sentes com a tua vida no seu todo? Ele esteve calado muito tempo, pensei que estivesse a teclar qualquer coisa extensa. Por fim, escreveu: Pergunta difícil, amanhã digote. No entanto, só me deu a resposta quatro dias mais tarde: 6,8 ☺. O que queria dizer que eu – desempregado, separado da família, um amigo na prisão, outro à beira de encerrar a vida – era mais feliz do que o meu filho. E, ainda assim, ele estava